

POTENCIAL DO USO DE PARTE AÉREA DE MANDIOCA NA ALIMENTAÇÃO DE RUMINANTES

Aluizio Raimundo Bastos de Oliveira Junior¹; Caroline Emanuelle do Amaral Santa Rosa de Oliveira²; Isadora Gabriele da Silva Matos³; Juliana Schuch Pitirini⁴; Thiago Carvalho da Silva⁵ Cristian Faturi⁶.

1. Pós-Graduando em Saúde e Produção Animal na Amazônia, bolsista CAPES, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém/ISPA, e-mail: arbojrzootec@gmail.com; 2. Caroline Emanuelle do Amaral Santa Rosa de Oliveira; 3. Isadora Gabriele da Silva Matos; 4. Juliana Schuch Pitirini; 5. Thiago Carvalho da Silva; 6. Cristian Faturi, Departamento de Zootecnia/ISPA/Belém, Universidade Federal Rural da Amazônia, e-mail: cristian.faturi@ufra.edu.br

RESUMO: A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) é uma espécie de planta dicotiledônea, pertencente à família Euphorbiaceae, sua origem remete a América do Sul, se mostra bastante adaptada aos climas tropicais e subtropicais. No ano de 2023, o Brasil apresentou uma produção acima dos 18 milhões de toneladas de mandioca em uma área aproximada de 1,2 milhões de hectares. Seu uso atende diferentes cenários desde produção de farinha para venda ou para subsistência até nas indústrias têxteis, químicas e de papelaria. Durante a colheita da raiz é comum que partes da planta sejam descartadas no campo, como a parte aérea composta pelas folhas e pela rama, essa parte é considerada uma fonte de alimento para a produção animal. Dessa forma, objetivou-se realizar uma revisão de literatura para explorar a utilização da parte aérea da mandioca como alimento para ruminantes. Sua produtividade varia em função da idade de colheita e da variedade, sendo observados valores desde 11,6 a 66,9 toneladas por hectare. Para que essa cultura seja utilizada na alimentação animal, é preciso reduzir as concentrações de linamarina e lotaustralina, glicosídeos cianogênicos precursores de cianeto, composto tóxico quando consumido em doses de 2 a 4 mg de HCN por kg/peso vivo/hora. Maiores concentrações de HCN são encontrados no caule do que nas folhas, característica esta que favorece a utilização do terço superior da parte aérea da mandioca, constituída majoritariamente por folhas e pecíolos. Esse material tem em sua composição teores de 20% de proteína bruta e uma concentração de fibras em torno de 50%, sendo que folhas detêm cerca de 17,7% da proteína observada. Além de ser fonte de vitaminas, carotenoides e minerais como fósforo, magnésio e cálcio, apresenta potencial para uso na alimentação animal, como substituto parcial de alimentos padrões. A mandioca pode ser fornecida *in natura* ou conservada na forma de feno ou silagem e nas formas conservadas há a redução do ácido cianídrico (HCN), presente na planta através da hidrólise ou volatilização desse composto. Em relação ao desempenho animal, um estudo avaliando a substituição da silagem de milho pela silagem da rama de mandioca, observou que não houve influência no consumo de vacas não lactantes, entretanto, a digestibilidade aparente da proteína diminuiu. Quando utilizada na alimentação de novilhas leiteiras, a silagem de parte aérea de mandioca em substituição total a palha de arroz não influenciou no consumo dos animais, porém, promoveu uma melhora na digestibilidade da proteína e da matéria seca. Estudos em ovinos demonstraram que uma inclusão de 20% de silagem de folha de mandioca não afeta o consumo dos animais, mas pode melhorar o desempenho através de uma melhor eficiência alimentar. Com base na revisão de literatura realizada, é possível concluir que a utilização da parte aérea de mandioca na alimentação animal é uma solução para o aproveitamento deste resíduo e que seu uso é viável, em substituição parcial ou total de demais volumosos.

PALAVRAS-CHAVE: conservação; desempenho; nutrição animal.